

Finais de análise

Meditar sobre o final de análise implica refletir sobre o término do processo analítico e também sobre a meta, a finalidade de transitar o árduo caminho de uma psicanálise; meta que pode ser pensada *a posteriori* do trajeto. Do contrário, se for considerada ideal, opera como demanda do analista que, ao facilitar a repressão, conduz à não resolução da neurose. Picasso afirmava: “Eu não busco, encontro”.

No horizonte da nossa posição de analistas, a proposição freudiana indica a sustentação da regra fundamental e de abstinência (Freud, 1912/1976b, 1913/1976f). Entendemos essa última não só como abstenção de corresponder às demandas de amor do analisando, mas também como privação de um dizer que responda à demanda e que conduza à identificação com o analista (identificação que não é com sua pessoa, mas sim com seus significantes).

Essa manutenção das regras é condição para que o imperativo ético freudiano tenha a possibilidade de se desenvolver: *Wo es war, soll Ich werden*, lido como “Onde isso era, Eu – sujeito do inconsciente – devo advir” (Freud, 1932/1976d).

No título, pluralizei *fim* e escrevi *finais*. A experiência indica que são múltiplas as formas de conclusão de uma análise: desde a rápida cura por amor como efeito transferencial e os impasses ligados à necessidade de castigo, à reação terapêutica negativa, assim como à inércia psíquica ou à restabilização fantasmática com melhora sintomática, sem muita modificação da posição subjetiva.

Os obstáculos na cura são inerentes à psicanálise, que é uma prática da dificuldade; tentaremos resolver os obstáculos com os instrumentos que a própria psicanálise nos oferece.

Nesse sentido, parece-me chave a afirmação de Lacan: “As resistências à análise são do analista” (Lacan, 1953/1976b), o que nos leva a um trabalho constante com nossas resistências na própria análise, nas supervisões e na releitura dos textos.

No princípio de uma análise: a transferência analítica, transferência operativa, nas palavras de Freud (1913/1976f), sujeito suposto saber, para Lacan (1964/1976c). Não é incomum que em algumas saídas da análise não tenha havido entrada; transferência analítica a ser estabelecida nas entrevistas iniciais. O registro de certo sofrimento subjetivo é condição necessá-

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

ria, mas não suficiente: deve ser construído um certo enigma em relação ao saber. E falta um passo chave: que o analista encarne certa suposição em relação a esse enigma.

Nas psicoses, não se constitui o sujeito suposto saber; há certeza, e a entrada em análise se vincula a uma erotomania de transferência. A interpretação possível e a finalização transcorrem por outros caminhos que não quando a operação metáfora-metonímica se torna factível, ou seja, quando operou a metáfora paterna (Lacan, 1957/1983).

Na transferência, unem-se uma dimensão de saber e uma dimensão de amor.

No caso da dimensão de saber, é necessário distinguir seu pertencimento: será do analista? Se assim for, a análise tende a eternizar-se, já que se oferece ao analisando o que é a aspiração do neurótico: que haja um Outro garantidor do saber, que o Outro demande para que não enfrente a questão do seu desejo, posição que escutamos em qualquer relato de um analisando com uma posição obsessiva (Lacan, 1958/1976a).

O saber a produzir, saber textual, por meio da leitura e da interpretação mediadora, é o do inconsciente do analisando, não o do analista, seja ele teórico ou contratransferencial.

A neurose é a doença da pergunta, uma verdadeira religião do Outro, a quem sustenta ao se oferecer como complemento na vertente obsessiva ou como agente da castração na histórica, mas mantendo a busca incessante de um Outro absoluto, idealizado, outra face da impotência que gera.

O desejo do analista, desejo de diferença, é o que nos permite (não sem quedas e reposicionamentos a ler por conta dos efeitos das nossas intervenções) manter a distância entre o lugar do ideal que a transferência possibilita e o lugar do objeto –“a”, para Lacan– que o analista sustenta como semblante (Lacan, 1964/1976c), tal como podemos ler no esquema freudiano do capítulo “Enamoramiento e hipnosis” de *Psicología de las masas y análisis del yo* (Freud, 1920/1976e).

Do contrário, o risco é a formação de uma “massa de dois” com um efeito hipnótico, que desvia o caminho da análise rumo à sugestão.

É assim que podemos afirmar que a resolução da neurose vai depender da resolução da

transferência, e a destituição do sujeito suposto saber, a ser produzido e tolerado por parte do analista, unicamente poderá advir se for produzido não só ao final, mas também no modo de conceber a interpretação (Lacan, 1967/1992).

Interpretação – situá-la entre o registro do enigma e o encontro – que permita ressaltar a dimensão do dizer no dito (Lacan, 1972/1984). Esse efeito de interpretação deve ser verificado *a posteriori*, e frequentemente é acompanhado de surpresa no analisando e no analista, o que o aproxima das formações do inconsciente. É um efeito que inscreve uma diferença na repetição, com reescrituras sucessivas, como a carta 52 a Fliess (Freud, 1896/1976c).

Se os obstáculos inerentes à cura vão sendo resolvidos, a análise prossegue até certo momento... Segundo a minha experiência, surpreende também o analista, que deve estar disposto a tolerar a destituição final e poder admitir o término da sua tarefa, que faz com que a análise seja finita, terminável.

Se houve operação sobre a fantasia inconsciente – operação genuína da análise – ou, em termos de Freud, “retificou-se *a posteriori* o processo repressivo primário”, gera-se no analisando o que ele chama de neocriação (Freud, 1937/1976a). A modificação – como efeito da análise – da posição subjetiva na fantasia inconsciente permitirá ao sujeito ter outros modos de satisfação com a limitação do gozo e a abertura a outras formas de encenar a realidade.

No início, encontramos um sujeito dividido, que havia se apresentado frente a nós com certa “satisfação pela via do desprazer, para o qual penava muito” (Lacan, 1964/1976c).

E agora, na saída, com quem nos encontramos? Não só com alguém que teve uma melhora sintomática, mas também com um sujeito que continua estruturalmente dividido, ou seja, que o inconsciente subsiste, mas a partir de uma posição de responsabilidade. Abandonou a vitimização e a exigência ao Outro e enfrenta, na sua solidão, o ato de assumir se quer o que deseja. Resta-lhe aceitar o resto incurável de todo sujeito, sem manter a ilusão da garantia do Outro, luto que deixa o sujeito entusiasmado em relação ao seu desejo. Como *El guerrero aplicado* descrito por Paulhan (1914/1999), um sujeito resolvido que não vacila nem se queixa.

Do lado do analista, resta suportar a destituição do lugar de sujeito suposto saber, que fica como resíduo da operação analítica, objeto “a”, e implica aceitar a conclusão assintótica de cada cura (Lacan, 1967/1992, 1972/1984).

Há poucos meses, Ana, ao concluir sua análise, deu-me de presente uma foto que tirou de uma praia que ama. Ali não há pessoas, só céu, nuvens, mar e areia, e uma dedicatória: “Muito obrigada por me ajudar a entender a forma de percorrer minha vida...” Se nossa tarefa como analistas ajuda ao que padece a “ter paciência com essa incômoda situação de ser homem” (Lacan, 1977), nossos esforços e renúncias, sem dúvida, valem a pena.

Referências

- Freud, S. (1976a). Análisis terminable e interminable. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1976b). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1976c). Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1976d). La descomposición de la personalidad psíquica. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1976e). Psicología de las masas y análisis del yo. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976f). Sobre la iniciación del tratamiento. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).
- Lacan, J. (1976a). La dirección de la cura y los principios de su poder. In J. Lacan, *Escritos I*. Cidade do México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1976b). *Función y campo de la palabra y el lenguaje en psicoanálisis*. Cidade do México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1976c). *Seminario 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1977). Apertura de la sección clínica en Vincennes. *Ornicar*, (9).
- Lacan, J. (1983). *Seminario 5. Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1984). El atolondradicho. In *Escansión I*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (1992). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In *Momentos cruciales de la experiencia analítica*. Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1967).
- Paulhan, J. (1999). *El guerrero aplicado*. Buenos Aires: Tres Haches. (Trabalho original publicado em 1914).